

ESTÁ A "MORRER" A MATA DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO!



Um trecho da magnífica estrada para Monte Gordo, que rasga a Mata Nacional em duas partes

● A praga da lagarta está destruindo a riqueza-beleza que é a Mata Nacional de Vila Real de Santo António. Urge, pois, tomar as providências necessárias para a extinção dessa praga.

A EXTENSA mata de pinheiros que, do lado sul, está a ornamentar e a proteger a longa faixa areosa que vai de Vila Real de Santo António até cerca de Vila Nova de Cacela, está «doente»! Esta verdade, constatada desde há já alguns anos, tem de ser gritada bem alto para que, desta forma, o remédio possa vir ainda a tempo de a salvar!

Todas as pessoas que se interessam pelo bem que a mata de pinheiros representa para esta região, quer sob o ponto de vista turístico-paisagístico, quer sob o aspecto salutar, sentem-se alarmadas com o caminho que as coisas estão tomando. E' que as «manchas amareladas» da «doença» têm comido, para sempre, o verde-saudável dos pinheiros — de uma parte dos pinheiros. Tais manchas espalham-se pela vasta extensão da mata, como reflexo dos pinheiros atacados da «doença». E o mais grave da questão é que, de ano para ano, essas manchas se ampliam, tomando proporções assustadoras.

Sabe-se que foi com o intuito de segurar as areias e impedir a formação de dunas que, há muitas dezenas de anos, foi plantada a mata de pinheiros na orla marítima numa extensão aproximada de oito quilómetros, que vai de Vila Real de Santo António a Vila Nova de Cacela. Mas, desde sempre, dada a natureza pobre do solo onde esses pinheiros foram plantados, eles se têm desenvolvido com grande dificuldade. Para comprovar essa dificuldade no desenvolvimento dos pinheiros, basta que um observador atento se disponha a «fiscalizar» uma determinada faixa de pinheirinhos. Ano após ano poderá verificar (como quem estas linhas escreve tem feito) que o crescimento das pequeninas árvores é tão insignificante que pode passar despercebido à maioria dos passeantes, que não se preocupam com essas ninharias...

Cremos que noutras regiões, portuguesas e estrangeiras, onde existe destas preciosidades vegetais, que são as matas de pinheiros, a assistência de técnicos é fundamental para o cuidado no tratamento e no desenvolvimento desta árvore.

Também no tratamento (fertilização do terreno e desinfecção das árvores) deve incidir o maior cuidado e carinho dos técnicos responsáveis, a fim de que a pobreza do solo tenha a compensação da ciência e da técnica que o homem dispõe, actual-

(Conclui na 4.ª Pág.)

ASSISTÊNCIA MÉDICA POR TIAGO LINS

DO Algarve foi para Lisboa uma pobre rapariga que lá chegou com grande vermelhidão no rosto e violentos assomos de febre. Chamada a intervenção do médico este diagnosticou tifo e a rapariga foi imediatamente internada no hospital próprio: o do dr. Curry Cabral, mais vulgarmente conhecido pelo Hospital do Rego, o das doenças infecciosas.

Suponhamos o inverso: que a rapariga viera de Lisboa com a perigosa doença para a sua aldeia natal perdida nos recôncavos da serra algarvia. O que aconteceria, zenas de quilómetros, farmácia a livre arbítrio dos diagnósticos dos dos, acorreriam a visitá-la com grave risco de contaminação. Este quadro, que não fantasiamos porque é verídico, nos mostra a gravidade do problema de assistência médica e internamento hospitalar.

Em muitos concelhos rurais há um só médico para acudir a todo ele. Alguns são de vasta área com freguesias a bastantes léguas da sede do concelho onde o médico assiste. E a agravar esta situação caminhos invios onde não passam automóveis para uma fácil e persistente assistência. Onde há Casas do Povo costumam estas ser visitadas, semanalmente, pelo médico, em regra municipal, que ali atende os que o procuram. Mas nem todas as freguesias as têm, e, para casos de urgência, são insuficientes.

Atentemos nos vizinhos concelhos de Castro Marim e Alcoutim. Deve a população de cada um deles andar à roda de 12 mil almas. Cremos que a cada um deles só um médico assiste. Castro Marim ainda tem Casas do Povo na sede de cada uma das freguesias que o compõem.

Alcoutim só tem Casa do Povo em Martinlongo, a mais de trinta quilómetros da cabeça concelhia. Como pode nestas condições a assistência médica ser, não diremos já eficiente, mas sequer ao menos remediável?

Têm as Câmaras Municipais pesados encargos e deficientes receitas. Muitas, não podem diminuir aqueles ou aumentar estas. Não podem, pois, fazer mais do que fazem. E para as manietar bastantes atribuições para pagar aos Hospitais Cívicos de Lisboa as despesas com os doentes que vão por seu mandato.

Este é dos problemas mais graves que decididamente têm de ser resolvidos.

Não podem as populações rurais continuar a ficar abandonadas no que de mais caro o homem possui — a saúde.

PROCISSÃO de N. Senhor dos Passos EM CASTRO MARIM

REALIZA-SE hoje em Castro Marim a habitual procissão de Nosso Senhor dos Passos, que sai às 16 horas da Igreja de S. Sebastião, dado que a Igreja Paroquial de Nossa Senhora dos Mártires continua fechada ao culto desde o incêndio que a destruiu.

EM SILVES PROSSEGUEM AS OBRAS de Restauro do CASTELO

Iniciaram-se em Silves, por determinação da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, as obras de restauro e reintegração do antigo Torreão das Portas da Cidade, velha torre albarrã que se situa num dos lados da Praça do Município da cidade de Silves e constitui o melhor troço ainda existente das históricas muralhas de Almedina.

TURISMO & GASTRONOMIA

O Algarve, Megalómano

Por acharmos que se trata de um assunto de palpitante interesse para a nossa província, digno de ser estudado e resolvido criteriosamente, a seguir transcrevemos, na íntegra, o artigo do grande jornalista e amigo do Algarve, sr. Daniel Constant, inserto em «O Primeiro de Janeiro» de 10 do corrente mês:

DECIDIDAMENTE, não se opõe um dique a esta onda de megalomania hoteleira que assola o País, de lés a lés. E' no Algarve, contudo, que, de momento, o assunto acusa sintomas mais graves. Depois da construção do luxuoso hotel de Monte Gordo, da ainda mais luxuosa pousada de Sagres e do hotel de Lagos, edifício custoso, devido a um dispensável excesso de mão-de-obra, o Algarve prepara-se para culminar esta grandiosidade milionária com a construção de um hotel de 150 quartos, na Praia da Rocha, orçado em 40 mil contos!

Na notícia que chegou ao nosso conhecimento diz-se, textualmente, que o futuro estabelecimento além de vir a ser dotado com televisão em todos os quartos será apetrechado de maneira a satisfazer «todas as exigências da mais moderna e requintada exploração hoteleira». Como se vê, o Algarve pretende resolver às avessas o seu problema hoteleiro, batendo palmas de contente, como o menino que só brinca com a caixinha de cartão e, de repente, lhe oferecem alguns lindíssimos brinquedos.

De acordo com a mais moderna exploração hoteleira (não a mais) (Conclui na 4.ª Página)

LUA MORTA

UM INÉDITO
DE JORGE RAMOS

*Sob o olhar cansado das estrelas
a noite leva a Lua morta
que há pouco ainda, como uma deusa
se sentava nos joelhos das colinas.
Com ela morreu também na garganta da noite
o cisne do luar.
O mar é um espelho que se apaga.
Já não soeitra o b-á-bá dos astros.
E cada onda diz agora não
como o pêndulo de um relógio.
Só ficaram na Terra os passos do vento
levantando poeiradas de flores,
com o dó-ré-mi-fá do seu realejo asmático
que faz cair das árvores
folhas mortas também como lembranças...*

*Mas o dia virá amanhã
como criança que acaba de nascer.
A alvorada será um pássaro sem ninho,
o arco-íris atirará as suas flechas,
e a tarde voltará, convalescente,
a ter olheiras.
E o Sol, coeiro de mundos,
voltará a suicidar-se
para renascer no mistério da Lua morta
que a noite leva agora
sob o olhar cansado das estrelas...*



Uma faixa de pinheiros ornamentando o Farol Semafórico de Vila Real de Santo António

EMBELEZAMENTO DE MARTINLONGO «ISTO É PORTUGAL»

COM a presença do senhor Governador Civil de Faro foi inaugurado em Martinlongo o novo cemitério. Deste modo se remediou uma instantânea necessidade daquela freguesia. O velho cemitério era demasiado acanhado e estando no centro da aldeia acumulava péssimas condições de higiene.

Importa agora que o caminho que liga o novo cemitério à aldeia seja transformado numa avenida com frondosas árvores de sombra e que seja afimoseada a lagoa que o ladeia.

Não nos parecem estes melhoramentos incomportáveis sob o ponto de vista financeiro. Bastará um pouco de decidida vontade para os conseguir.

Bem precisa a progressiva Martinlongo de se alindar, devendo para isso plantar muitas árvores de que é pobre.

Já em Martinlongo repararam como se destaca e embeleza a cortina de eucaliptos plantada numa cumeada, propriedade do senhor José Martins Pereira?

Não esmoreçam e continuem batalhando pelo progresso da sua freguesia

Na noite de 16 do corrente, o Rádio Clube Português dedicou o seu programa «Isto é Portugal» a Vila Real de Santo António, tendo palavras de simpantia para o «Notícias do Algarve» e seu director. Durante esse programa foi lido um artigo que o nosso jornal publicou no número do seu 8.º aniversário, da autoria do nosso prezado colaborador sr. Arnaldo Martins de Brito.

Congratulamo-nos com o facto e expressamos aos organizadores desse programa, srs. António Vilas Boas, Mário Paiva e Costa Pereira, o nosso reconhecimento.

DUAS ALUNAS DA ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO FORAM PREMIADAS COM BOLSAS DE ESTUDO

As alunas do Curso de Formação Feminina da Escola Industrial e Comercial de Vila Real de Santo António, Maria Laura Lima Rua e Vanda da Encarnação Matias Fernandes, que no ano lectivo transacto alcançaram, respectivamente, as classificações de 17 e 16 valores nos exames do 2.º Ano do Ciclo Preparatório, foram concedidas pelo Ministério da Educação Nacional bolsas de estudo no valor de 2.500\$00 cada uma.

Felicitemo-las, com votos de que, de futuro, com trabalho e afincio, consigam justamente novos prémios.

FOI FEITA JUSTIÇA a PORTUGAL

NO Conselho de Segurança da O. N. U. foi discutida a proposta da Libéria para a admissão da queixa contra os acontecimentos de Angola.

A proposta da Libéria para a criação de uma comissão de inquérito a Angola, depois de viva controvérsia em que o representante português, sr. embaixador Vasco Garin, actuou brilhantemente, foi posta à votação, tendo sido derrotada.

Fez-se, desta forma, justiça, no seio principal das Nações Unidas, ao nosso País!

VARANDA SOBRE O ESPAÇO

Por ANTÓNIO DA COSTA

HONRADEZ

A HONRADEZ não conhece cores ou raças, credos ou nacionalidades.

Factos constantemente verificados têm estado provando que assim é. Em paralelos dos mais diversos, surge de quando em quando uma notícia de mais um acto de honestidade praticado o mais inesperadamente possível. E dizemos o mais inesperadamente possível porque, segundo os velhos ditados, é «a necessidade que faz a lei», ou «a ocasião que faz o ladrão». Desmentidos categóricos nos dão muitos factos praticados pelas pessoas de todas as categorias sociais. E, em especial, esses factos de honradez são de maior realce quando praticados pelas pessoas de precárias condições económicas.

(Conclui na 2.ª página)

CHÁVENAS de café

QUASE AMARGO

Pelo dr. CRUZ MALPIQUE

QUE O DIÁLOGO SEJA UM TEOREMA EM MARCHA

Em todas as matérias ensinadas na escola, está contra-indicado o monólogo, e indicado o diálogo. E se isso é verdade por todas as disciplinas, com maior razão de razão o é para a filosofia — na qual os alunos, mercê de múltiplas vivências pessoais, podem ter opinião própria, ainda que modesta.

O que importa, em filosofia, é fazer que os alunos sintam a necessidade dos problemas. Se estes não surgirem fundamentalmente de dentro, e forem impostos de fora, é mais do que certo que os alunos os não vivam. E, não os vivendo, as soluções que lhes forem dadas de mão beijada eles as terão como estranhas. Não colaborando na sua descoberta — poderão decorá-las, poderão mesmo compreendê-las, mas, porque não as ajudaram a nascer, porque nelas não participa um pouco da sua paternidade, ficam como que à margem delas.

Quando só o professor expõe — ainda que muito bem exponha — o aluno não adere à exposição, não a vive, como que lhe desliza pelo espírito à maneira da água por lombo de pato. Alunos, que simplesmente ouvem, prestam sempre uma precária atenção. Esta é directamente proporcional à intervenção do educando nos problemas debatidos. Quem quiser que os alunos não se apercebam da passagem do tempo, solicite-os inteligentemente, oportunamente, para a intervenção directa. No trabalho sófregamente realizado, não há oportunidades para distrações. Cada profes-

(Conclui na 4.ª página)

Prémios Pecuniários

Atribuídos às melhores Explorações Agrícolas do País

EM 9 do corrente, na sede da Federação Nacional dos Produtores do Trigo, foram distribuídos os prémios pecuniários atribuídos às melhores explorações agrícolas do país durante 1959/60.

No respeitante à XV região agrícola (Algarve) foram premiados os seguintes senhores:

Grande Exploração — Francisco Ortigão Gomes Sanches, de Castro Marim;

Média Exploração — João Farrajota Alves, de Loulé;

Pequena Exploração — Francisco Viegas Carromba, de Faro.

NOTAS À MARGEM

Por TRISTÃO DA LUZ

Delitos vinários

EM Torres Novas três energúmenos assaltaram o cemitério local e cometeram toda a espécie de ultrajes: arrombaram caixões, roubaram pratas, brincaram com os ossos que espalharam pelo cemitério e fora dele, etc. etc.

Não sabemos o que acontecerá a estes repugnantes criminosos já entregues ao poder judicial. De igual espécie conhecemos um que por aposta entrou no cemitério da sua aldeia, trouxe de lá uma caveira e bebeu vinho por ela. Meteu-se a política no caso, fez-se uma procissão de desagravo para restituir a caveira ao seu lugar de repouso — era ainda no tempo da monarquia — e chamado o homem à barra do tribunal provou-se (politicamente) que não se tratava de um delito beberrónico e sim de um estudo anatómico.

E pronto: o réu foi absolvido e ainda veio a ocupar os lugares de maior relevo do seu concelho.

Muito se desce... às vezes mesmo mais quando se sobe.

Alfinetes

EM Lisboa viveu e morreu entre montes de lixo e caixas com dinheiros de várias espécies um homem conhecido pelo «Alfinete».

Não cozinhava, envolvia-se em farrapos e esmolava pelos bairros onde não era conhecido. A sua porta não se abria a ninguém.

Não se sabe ainda a quanto monta o dinheiro que juntou. De uma coisa temos a certeza — é que o maior desgosto que levou da vida foi não poder levar consigo o que na miséria acumulou.

Conhecemos muitos «Alfinetes» que só não comem o dinheiro porque é indegível e só o não levam porque não podem.

E a muitos desbarretamo-nos diante deles, tanto é o poder e a fascinação do dinheiro.

Maldade

EM África, numas escavações, um antropólogo, encontrando uns ossos humanos, reconstituiu um homicídio ocorrido há 600 mil anos.

Verifica-se assim que além da paciência ser muita e do vagar não faltar, o homem foi desde sempre a fera do homem.

Vamos à Lua, a Vénus, comunicamos com Marte; o que não conseguimos é limpar a maldade interna que nos devora.

E isto é bem mais preciso e sério um bem mais precioso.

A Câmara Municipal de Lagos

VAI COMEMORAR O CENTENÁRIO DE S. GONÇALO

A CÂMARA Municipal de Lagos resolveu, e muito bem, promover algumas manifestações de carácter turístico, cívico e cultural, comemorativas do 6.º centenário do nascimento de S. Gonçalo, único santo algarvio e padroeiro daquela cidade desde o século XV, completando assim o programa de celebrações de carácter religioso organizado pelo Bispo do Algarve.

A realização de tais manifestações está a cargo de uma comissão, constituída pelos srs. drs. Alberto Iria, Mário Lyster Franco e J. Fernandes Mascarenhas; padres Carlos Patrício e José Monteiro, arquitecto Gonçalo Lyster Franco, Antero Nobre, Eloi Campos e Duval Pestana, e a que preside o sr. José F. Canelas, presidente da edilidade lacobrigense.

As manifestações artísticas, culturais e cívicas promovidas pela Câmara Municipal de Lagos têm o patrocínio dos srs. Bispo do Algarve, Governador Civil de Faro e Presidente da Junta Geral do Distrito.

PORTO

RAINHA SANTA

ATÉ OS ANJOS BEBEM!...

RODRIGUES PINEIRO & C.ª

VILA NOVA DE GAIA



JORGE CORVO

Campeão Regional do Algarve

REALIZOU-SE no passado domingo, 12 de Março, a terceira e última prova do Campeonato Regional do Algarve para independentes, num percurso de 93 Km, contra-relógio, do qual saiu vencedor Vitor Tenazinha, do Louletano Desporto Clube, com o tempo de 2h 15m 45s (média de 41,567 Km.), seguido de Jorge Corvo, do Ginásio de Tavira, com 2h 16m 4s e João Bárbara, do Ginásio de Tavira, com 2h 20m 35s.

Há a salientar a brilhante prova do vencedor desta corrida, que mais uma vez pôs em evidência as grandes qualidades já demonstradas anteriormente noutras competições.

Jorge Corvo alcançou o 1.º lugar na classificação final deste campeonato, ficando assim com o título de campeão regional do Algarve de 1961.

Este corredor é mais o sete que se lhe seguiram na classificação final, disputarão, hoje, em Lisboa, o Campeonato Nacional.

O grande perigo:

Cansaço quando se guia!



Cafiaspicina

refresca, combate o cansaço e as dores de cabeça

SUBSÍDIOS Ordinários

para Instituições de Assistência NO ALGARVE

POR despacho do sr. Ministro da Saúde e Assistência e pelas verbas orçamentais da Direcção-Geral de Assistência e pelo Fundo de Socorro Social, foram concedidos a várias instituições algarvias, os subsídios ordinários para 1961 que adiante se referem:

Comissões Municipais de Assistência de: Albufeira, 4.000\$00; Alcoutim, 5.000\$00; Aljezur 5.000\$; Alportel, 5.000\$00; Castro Marim, 5.000\$00; Faro, 24.000\$00; Lagoa, 5.000\$00; Lagos, 12.000\$00; Loulé, 21.600\$00; Monchique, 6.000\$00; Olhão, 39.600\$00; Portimão, 21.600\$00; Silves, 21.600\$00; Tavira, 22.000\$00; Vila do Bispo 5.000\$00 e Vila Real de Santo António, 5.000\$00.

Santa Casa da Misericórdia de Albufeira, 16.000\$00; Sopa dos Pobres de Albufeira, 17.000\$00; Santa Casa da Misericórdia de Alcoutim, 12.000\$00; Santa Casa da Misericórdia e Hospital de Aljezur, 8.000\$00; Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Castro Marim, 12.000\$00; Santa Casa da Misericórdia de Estombar, 1.000\$00; Irmandade da Nossa Senhora da Misericórdia de Faro, 414.000\$00; Associação Protectora das Florinhas do Sul, de Faro, 22.000\$00; Santa Casa da Misericórdia de Lagos, 40.000\$00; Centro de Assistência Social de Nossa Senhora do Carmo, de Lagos, 21.000\$00; Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Lagos, 35.000\$00; Santa Casa da Misericórdia e Hospital de Nossa Senhora dos Pobres de Loulé, 105.000\$00; Irmandade da Misericórdia de Monchique, 28.000\$00; Hospital de Nossa Senhora da Conceição de Olhão, 75.000\$00; Santa Casa da Misericórdia de Portimão, 98.000\$00; Misericórdia de São Brás de Alportel, 10.000\$00; Misericórdia de Silves, 80.000\$00; Misericórdia de Tavira, 115.000\$00; Misericórdia de Vila do Bispo, 18.000\$00 e Misericórdia de Vila Real de Santo António, 55.000\$00.

Programas Radiofónicos

DEDICADOS A

Vila Real de Santo António no Rádio Clube Português

JÁ apreciado programa radiofónico «Isto é Portugal», de que é organizador e director o conhecido locutor e realizador radiofónico sr. António Vilas Boas, iniciou na passada quinta-feira, pelas 23 horas, como noutra lugar noticiamos, uma série de programas inteiramente dedicados a Vila Real de Santo António.

Nestes programas, há entrevistas de grande interesse, história da vila e demais assuntos que serão de inteiro agrado de todos os ouvintes.

Nas emissões do Rádio Clube Português, Parede, às quintas-feiras e domingos pelas 23 horas e repetidos pela estação de Miramar às quartas-feiras e sábados pelas 21,50 e 21,45 respectivamente, serão transmitidos estes programas.

Chamamos a atenção de todos os nossos estimados leitores para estes Programas Radiofónicos, os quais, pelo elevado nível cultural e recreativo, darão a todo o País melhores conhecimentos desta Vila Pombalina.

• NOTÍCIAS DO ALGARVE •
VENDE-SE EM LISBOA
na Tabacaria Antunes & C.ª
Av. Almirante Reis, 22-C
(aos Anjos)

GRUPO DESPORTIVO

“OS GRÁFICOS”

Em reunião efectuada na passada quinta-feira, onde esteve presente elevado número de associados, foi eleita a direcção do Grupo Desportivo «Os Gráficos», que ficou assim constituída:

Presidente — Jorge Farinha; Vice Presidente — José Luís Gomes; 1.º Secretário — António P. da Luz; 2.º Secretário — Luís Neves; Tesoureiro — Ezequiel Fernandes; Vogais — José Augusto da Silva e Manuel Godinho; Suplente — Vitor Ferreira Amores.

LICEU FEMININO

EM FARO

BELA e moderna capital da nossa provincia desde há muito que se tem batido pela construção de um Liceu feminino.

Com palpáveis e incontestáveis razões, tal necessidade tem sido debatida, tanto na imprensa como nas estâncias oficiais.

Agora, foi revelado pelo sr. Ministro das Obras Públicas, quando da ida a Lisboa dos representantes dos distritos do Sul do País, que essa velha e justa aspiração de Faro vai ser uma realidade.

Congratulamo-nos, também, como algarvios, por mais este belo melhoramento, que a todos se denotava já imprescindível numa cidade com tamanha frequência liceal feminina.

VARANDA

SOBRE O ESPAÇO

(Conclusão da 1.ª página)

O caso agora trazido pelos diários tem a valorizá-lo não só o facto de ter sido praticado por um operário de modestíssimas condições de vida e de ofício (tratava-se de um limpa-vidros) como, ainda, por ser um homem de cor.

O United California Bank fazia transferir para o Banco das Reservas Federais americano uma grande quantidade de malas com dinheiro, num carro blindado, quando uma mala caiu sem que os vigilantes dessem por isso.

Um negro, negro honesto, de nome Douglas Johnson, encontrou-a com a bela fortuna de 240.000 dólares, próximo do local onde tinha ido procurar trabalho. Estava desempregado havia mais de três meses. Era natural que a tentação se apoderasse dele, dadas as dramáticas circunstâncias que o desemprego proporciona. Mas o achado foi devolvido. Devolvido às autoridades respectivas.

Evidentemente que a compensação, moral acompanhada da material, veio em seguida. O homem negro, o honesto homem negro, que teve em suas mãos cerca de 7 mil contos que não lhe pertenciam e os devolveu, foi empregado na companhia dona desse perdido dinheiro, a Armored Car Company, como guarda, por 90 dólares semanais (al uns 2.700\$00 por semana). A mesma companhia agradeceu ofereceu-se para pagar os estudos ao mais velho dos três filhos do negro Douglas Johnson.

E aqui está como um acto de um homem honrado lhe deu a tranquilidade de consciência e recursos morais e materiais para uma vida de paz e abundância económica.

CAIXA DO CORREIO

NA ESTAÇÃO VILA REAL-GUADIANA

Informa a Administração-Geral dos C. T. T. que a caixa do correio existente na Estação dos Caminhos de Ferro de Vila Real-Guadiana passou a ser retirada 10 minutos depois da hora até há pouco marcada. Assim, cremos que essa recolha passou a ser feita cerca das 21,40 horas.

ACIDENTE DE VIAÇÃO

Nos arredores da cidade francesa de Marselha, quando seguia de automóvel, foi vítima de um acidente de viação o nosso prezado assinante naquela cidade sr. Pulicani Paul, que saiu ileso, tendo somente ficado internada sua esposa, a nossa conterrânea sr.ª D. Luisa Parreira Pulicani, a que desejamos rápidas melhoras.

LAGOS

ELEGEU

SEU CIDADÃO HONORÁRIO

o sr. eng.º Arantes e Oliveira

A Câmara Municipal de Lagos resolveu, por aclamação, na sua última reunião e por proposta do seu presidente sr. José Ferreira Canelas, eleger o sr. eng.º Eduardo Arantes e Oliveira, ilustre Ministro das Obras Públicas, cidadão honorário da mesma cidade.

Trata-se de um tributo de gratidão inteiramente justo, que se concretizará noutras homenagens que na mesma se projectam a esse membro do Governo.



José Lima

No passado dia 14 faleceu nesta vila o sr. José Lima, industrial, de 59 anos de idade, natural de Vila Real de Santo António.

O extinto deixa viúva a sr.ª D. Afonsina Casimiro Lima, era pai dos srs. José Casimiro Lima, António de Lima, das sr.ªs D. Maria José Lima Avelar, D. Bertine Lima Calheiros da Silva, D. Afonsina Lima, sogra da sr.ª D. Maria Teresa Nolasco Lima, e dos srs. Vital Martins Avila Avelar e Carlos Alberto Calheiros da Silva e avô dos meninos Vital José, Ana Cristina, Teresa Maria, Isabel Maria e Luís Filipe.

O extinto, que gosava de gerais simpatias, era um activo industrial metalúrgico, pelo que o seu passamento foi muito sentido.

A toda a família enlutada apresentamos as nossas sentidas condolências.

CINE-FOZ

de Vila Real de Santo António

Hoje, exhibe-se o grande filme colorido A BELA MENTIROSA, com Romy Schneider e Jean Claude Pascal.

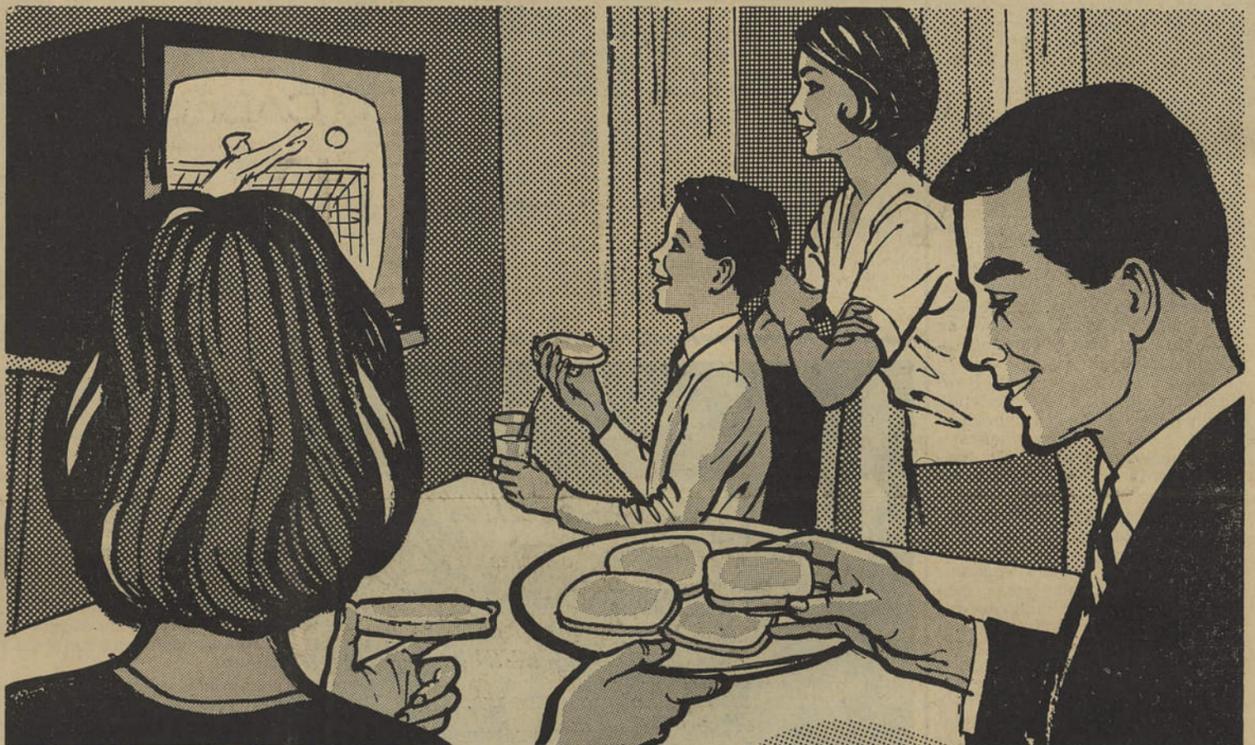
Terça-feira, programa duplo ABSOLUTAMENTE CERTO com Anselmo Duarte, Dercy Gonçalves e Odete Lara.

O PISTOLEIRO NEGRO, com Black Jack.

TINTAS EXCELSIOR

NA CONSTRUÇÃO NAVAL PORTUGUESA

J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.



Complete o prazer deste bom momento, saboreando Planta!

Em família ou com amigos, este é o momento em que se goza o conforto e a alegria dum bem merecido repouso. Este, é o momento de servir Planta! Com o seu puríssimo e delicado paladar, Planta faz as mais deliciosas torradas! Simples fatias de pão barradas com uma rica e gostosa camada de Planta, são uma delícia! Saboreie consoladamente toda a pureza e frescura de Planta. A sua embalagem de plástico 100% estanque, única em todo o mundo, conserva Planta tão pura e fresca como no momento em que é empacotada.

Planta a gordura das pessoas de bom gosto



FÁBRICA IMPERIAL DE MARGARINA, LDA. SACAEM

GRUPO CULTURAL DE TAVIRA

No passado dia 14 do corrente, realizou, na sala da Biblioteca Municipal e a convite do Grupo Cultural de Tavira, uma palestra, o sr. eng.º Santos Simões, ilustre director da Brigada de Estudo de Azulejos da Fundação Calouste Gulbenkian, que teve por tema «A Arte do Azulejo em Portugal». O seu trabalho foi ilustrado com projecções.

O sr. eng.º Santos Simões, que é considerado como uma das maiores autoridades portuguesas em matéria de Azulejos, acabara de regressar de Sevilha, onde fora realizar uma palestra sobre o mesmo assunto.

Acompanhou-o o seu assistente, o artista desenhador sr. Emílio Guerra.

O seu trabalho despertou grande interesse.

A MORTE DUM GRANDE ARTISTA

Os grandes artistas são pertença não de uma localidade, mas de um país — não só de um país, mas da Humanidade.

Quando a morte de um artista, por todos reconhecido como tal, se verifica, a perda é nacional.

Há pouco tempo morreu, em Lisboa, Stuart Carvalhais, que todo o País conhecia dos bonecos originalíssimos que ele publicava nos jornais e ilustrações.

Amava o povo e a rua e, com o seu alegre humorismo, desenhava e pintava velhos becos e vielas, varinas e vendedoras de violetas e velhos aquecendo-se ao sol nos recantos de jardins.

Tinha carradas de talento, mas morreu pobre. Nunca lhe apeteceu gastar tempo e tintas com os retratos de ilustres milionários ou atraentes damas da alta roda.

Visado pela Comissão de Censura

DESSPORTOS

Secção Náutica DO SPORT LISBOA E FARO

POSTO NÁUTICO COMANDANTE TENREIRO — FARO

Resultados das regatas do «DIA DO INFANTE», em 4 e 5 de Março de 1961:

Snipes

1.º, Fernando Prazeres e Jorge Leiria, do G. C. Naval; 2.º, Pessanha Viegas e António Barreiros, do G. C. Naval; 3.º, António André e Wernher Heinen, do S. L. Faro; 4.º, Rogério Ferro e José Ferro, do S. L. Faro; 5.º, Francisco Manjua e Nuno Mergulhão, da M. P. Faro; 6.º, António Martinho e Carlos Filipe, do S. L. Faro; 7.º, José Delfino e Manuel Porto, da M. P. Faro; 8.º, Daniel Santana e António Moutinho, da M. P. Faro.

Finns

1.º, Diamantino Mendes, da M. P. Faro; 2.º, António Gonçalves, da M. P. Faro; 3.º, Rodrigo Matos, da M. P. Faro.

Sharpies 9m2

1.º, Silvério Augusto, do G. C. Naval; 2.º, José Joaquim Fernandes, da M. P. Olhão; 3.º, Godofredo Poieira, da M. P. Olhão; 4.º, José Corvinho, da M. P. Olhão.

Lusitos

1.º, Carlos Gonçalves, da M. P. Faro; 2.º, João Eduardo Cruz, da M. P. Olhão; 3.º, Armando Rocha, da M. P. Faro; 4.º, António Freire, da M. P. Faro; 5.º, Manuel Serrão, da M. P. Olhão; 6.º, Cipriano Santos, da M. P. Olhão.

JUVENTUDE, 1 - LUSITANO, 0

RESULTADO CERTO

Jogo no campo Sanches de Miranda. Árbitro: Serafim Mangualde, de Setúbal.

JUVENTUDE — Cambráia; Canhão, Caraga II e Fanico; Abegoaria e Ornelas; Duarte, Cascalho, Polívio, Caeiro e Caraga I.

LUSITANO — Martinez; Salvador, Padesca e Gonçalves; Rodolfo e Parra; Torres, Cláudio, Marco, Araújo e Ludgero.

Triunfo merecido do Juventude, não obstante os seus jogadores terem deparado com uma equipa que «vendeu cara a derrota». E deve mesmo assinalar-se que se não tem entrado a jogar com a garra patenteada, dificilmente os donos do campo seriam capazes de derrotar os antagonistas, que desenvolveram, durante grande parte do tempo, um futebol da melhor qualidade.

LOULETANO D. C.

Foi grande a surpresa de todos os louletanos, no passado domingo, ao saberem que a equipa de futebol do Louletano Desportos Clube não compareceu ao jogo, a contar para o Campeonato Nacional da III Divisão, com o S. Domingos F. C.

Esse facto é muito de lamentar, não só pela desistência no Campeonato, mas, também, porque essa atitude pode implicar sério castigo.

Não será também difícil de prever que essa modalidade desportiva poderá extinguir-se nesta colectividade, o que é de lamentar e criticar, visto que não se tomaram as medidas exigidas, capazes de evitar tais desaires no desporto em Loulé.

De um modo geral, porém, a maior parte do domínio territorial durante os noventa minutos pertenceu à equipa da «casa». Mas foi um domínio improficuo, que, se ficou disfarçado pela obtenção do golo e dos dois pontos, não deixou de revelar que o sector dianteiro dos vencedores podia ter avolumado o «score» se não malbaratasse tantas energias e se jogasse com menos sofrimento.

Actuando com calma, a passarem a bola entre si, sob o comando de Rodolfo, os rapazes do Lusitano pecaram, no entanto, por não saber alvejar a baliza adversária com a mesma presteza que utilizavam nas avançadas.

O resultado ajusta-se, portanto, ao desenrolar do encontro, embora aos 25 minutos o Lusitano perdesse a melhor oportunidade de igualar, por intermédio de Cláudio-

Nos locais distinguiram-se Polívio, Ornelas e Fanico.

No Lusitano, Rodolfo e Padesca foram os melhores.

Arbitragem regular.

MAGOVY

PRÉDIO

Vende-se um prédio composto de 6 peças, cozinha, quarto de banho e quintal, no sítio do Farol.

Tratar com José dos Santos Campinas — Mercado 1.º de Maio — Vila Real de Santo António.

CLASSIFICAÇÃO

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
OLHANENSE	21	14	5	2	64-16	33
FARENSE	21	16	1	4	44-19	33
V. Setubal	21	13	5	3	60-21	31
Oriental	21	13	4	4	45-21	30
Alhandra	21	10	5	6	48-44	25
Montijo	21	9	5	7	38-37	23
S. L. Olivais	21	9	3	9	42-35	21
PORTIMONENSE	21	9	2	10	35-30	18
D. de Beja	21	8	2	11	27-42	18
Juventude	21	6	3	12	25-52	15
LUSITANO	21	5	4	12	22-37	14
Estoril	21	5	4	12	27-37	14
Sacavenense	21	4	5	12	24-58	13
U. de Montemor	21	2	—	19	32-85	4

Jogos para a próxima jornada: Estoril-LUSITANO; Beja-Alhandra; Montijo-OLHANENSE; Oriental-Sacavenense; FARENSE-V. Setubal; Olivais-Montemor; e PORTIMONENSE-Juventude.

BASQUETEBOL

O OLHANENSE, CAMPEÃO DO ALGARVE PELA PRIMEIRA VEZ!



Prof. Parreira Dias (director da secção) Flávio (5) Vitorino (4) João Evaristo (7) Eduardo (9) João Correia (director e treinador) Lelé (3) Pacheco (8) Luis do O (12) Fernando (6) Pombinho (11)

É a equipa do S. C. Olhanense brilhante vencedora do Campeonato Regional do Algarve 1960/61. Pessoa alguma arriscaria um prognóstico a seu favor, no início da época, levando em conta a baixa sofrida de três titulares — Simões, Amaro e João Alberto, estes dois últimos actualmente ao serviço do Ginásio C. Olhanense e Queluz, e sem terem feito qualquer aquisição, somente tendo levado à equipa principal alguns reservistas e conseguido a inscrição de praticantes novatos.

Na verdade, o Olhanense, nos primeiros jogos, apresentou-se tecnicamente em baixo de forma. Mas, com o desenrolar do campeonato, a equipa foi-se juntando e na segunda volta estava completamente encontrado, realizando jogos com óptimas jogadas de bom recorte, tendo chegado, mesmo, a ser o conjunto mais afinado.

O triunfo, que está certo, deve-se ainda em parte ao poder de sacrifício com que todos os seus atletas (com realce para o incansável Luis do O) se empregaram na luta, principalmente no último jogo, que era decisivo, e em que bateram o S. C. Farense no seu próprio campo.

A má forma da equipa no início da época deve-se, em grande parte, ao facto do seu campo não ser iluminado, o que torna quase impossível aos seus atletas se manterem tecnicamente bem preparados para se baterem com equipas que podem treinar por

possuírem iluminação nos seus campos e contarem com elementos de igual ou superior valor, como é o caso do S. C. Farense, C. D. «Os Olhanenses», etc.

No entanto, os directores dessa secção do S. C. Olhanense pensam fazer melhoramentos e iluminar o seu campo de jogos; mas, para tal, necessitam da preciosa ajuda de todos, pois a secção de basquetebol do Olhanense, que vive de uma quotização criada pelos seus directores, não possuem actualmente verba para tais melhoramentos.

Na verdade é pena que isto se verifique, pois a iluminação seria um grande bem para o basquetebol olhanense e algarvio, tanto mais que o Ginásio C. Olhanense, com a ajuda de uma verba que a C. M. de Olhão lhe concede, está melhorando o seu campo de jogos até com iluminação.

O basquetebol algarvio promete e este ano já contou com um representante de Barlavento, o Portimonense F. C., treinado e representado pelo internacional Feu.

Damos a seguir a classificação final:

— 1.º, S. C. Olhanense (26 pontos); 2.º, C. D. «Os Olhanenses» (24 pontos); 3.º, S. C. Farense (22 pontos); 4.º, Ginásio C. Olhanense (17 pontos); 5.º, Bonjoanenses (16 pontos); 6.º, Portimonense (12 pontos).

Vitorino Constantino

Campeonato Nacional da III Divisão

E. de Lagos, 2 — Sambras., 3 Helder, Grilo, Silva e José Domingos.

Jogo no campo Rossio da Trindade, arbitrado por Armando Sousa, de Faro.

ESPERANÇA — Cadete; Rego, Ricardo e Eduardo; Diamantino e Duarte; Constantino, Reis, Gorgulho, Júlio e José Pedro.

SAMBRASENSE — Januário; Marçal, J. Manuel e Damásio; Abílio e Chitas; Domingos, Farrobal, Carlos, Badão e Adriano.

À 1.ª parte: 1-2. Golos de Gorgulho (10 m.) e José Pedro (75 m.), pelos locais; e Adriano (25 m.) Farrobal (35 m.) e Badão (65 m.), pelos visitantes.

Jogo equilibrado, vitória feliz dos visitantes.

Arbitragem sobre o fraco.

Silves, 5 — Ferreirense, 0

Jogo em Silves. Árbitro: Frederico Romeira, do Porto.

SILVES: Parralo; Maurício, Alves e Correia; Albertino e Silvério; Lourenço,

FERREIRENSE — Guia; Leonel, Larginho e Rosalino; Molina e Raposo; Rocha, Juan, Manero, Belo e Luís.

Ao intervalo: 2-0. Marcam: Lourenço, Helder e Grilo (3).

O resultado traduz a superioridade exercida pelos locais que não souberam aproveitar as inúmeras oportunidades de que desfrutaram.

Arbitragem excelente

CLASSIFICAÇÃO

	pontos
Silves	15
Sambrasense	12
Aljustrelense	10
Moura	10
S. Domingos	9
Ferreirense	7
Esperança	5
Louletano	4

«NOTÍCIAS DO ALGARVE» VENDE-SE EM TODO O ALGARVE

Tipografia SOCORRO

Os mais modernos estabelecimentos gráficos do Sul do País — Telef. 59 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

PARA CUIDAR DA BELEZA DO SEU CABELO

Lux oferece-lhe esta bela escova



LAVÁVEL PRÁTICA MALEÁVEL

Exactamente! A magnífica escova para o seu cabelo que a senhora estava a pensar comprar, é-lhe oferecida gratuitamente pelo seu sabonete Lux num conjunto de 3 sabonetes, de tamanho e preço normais! Procure já no seu fornecedor este conjunto especial de Lux que lhe traz uma escova brinde!

GRÁTIS

AO COMPRAR TRÊS SABONETES LUX NORMAL

A TIPOGRAFIA SOCORRO
 executa, com inexcedível perfeição, além de todos os trabalhos tipográficos:
 Envoltórios, Rotulagem, etc.
 Vila Real de Santo António

CHÁVENAS de café
QUASE AMARGO
 (Conclusão da 1.ª página)

MATA DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

(Conclusão da 1.ª página)
 mente, para fazer face a terrenos de minguados recursos naturais. Quando a mata foi planeada e realizada a sua plantação, a finalidade era exclusivamente utilitária: — a de segurar o movimento de areias, sempre prejudicial, bem como a protecção indispensável aos solos aséveis.
 Os anos rolaram, muitas dezenas de anos se escoaram para o sempre da eternidade, e os objectivos iniciais, justificados, foram ampliados. Presentemente, além da finalidade inicial, há a do turismo. A mata nacional de Vila Real de Santo António é hoje, inegavelmente, um motivo fundamental na propaganda turística desta privilegiada região. Nela está incluída a zona praiana de Monte Gordo, com seu grande hotel «Vasco da Gama» e seu formoso e afamado Parque de Campismo. Milhares e milhares de turistas e turistas-campistas aqui têm vindo gozar as delícias do clima e da paisagem — na qual está perfeitamente integrada a bela e ampla mata nacional.
 De há anos para cá que se vem notando o aparecimento de lagartas e seus ninhos, disseminados por toda a parte. De ano para ano, essas lagartas se vão multiplicando, o que agrava assustadoramente a situação, neste momento bastante delicada e perigosa. Como se não bastasse um mal, (a extrema pobreza do terreno arenoso, abandonado à sua possibilidade natural) veio mais este do aparecimento e multiplicação da lagarta. Esta praga destrói a rama dos pinheiros, evitando o seu gradual desenvolvimento, e, em muitos casos, derrota a árvore, acabando por fazê-la secar na sua totalidade. Por isso, este nosso grito de

socorro, para que seja prestada à mata nacional de Vila Real de Santo António o necessário e urgente auxílio, a fim de se evitar que ela pereça!
 De onde se pode verificar melhor o dano já causado por essa terrível praga destruidora, é do cimo do farol. De lá, sim, vêem-se as enormes manchas amarelas dos pinheiros atacados da «doença» e em vias de serem totalmente inutilizados.
 É bastante conhecida, esta lagarta, a «processionária», que nos últimos anos se tem multiplicado de maneira calamitosa em muitos dos pinhais portugueses. É uma lagarta peluda, de uns trinta milímetros de comprimento, cor acinzentada no dorso, amarelada no ventre e acastanhada nos flancos.
 Todas as noites, as lagartas, se faz bom tempo, e depois de terem dormido ao sol uma longa sesta, descem umas atrás das outras em longa e ondeante procissão, das árvores onde têm a sua «habitação».
A VÁRZEA DE ODECEIXE E A SUA DEMARCAÇÃO
ENCONTRA-SE patente, para exame e reclamação dos interessados, na Direcção Hidráulica do Guadiana, e nas secretarias das câmaras municipais de Aljezur e Odemira, o processo organizado para a demarcação e classificação da zona da várzea de Odeceixe afectada pelas marés e situada na área das freguesias de Odeceixe, concelho de Aljezur, e de São Teotónio, concelho de Odemira.

vão depondo um fio de seda pelos sitios que percorrem. Logo que chegam às bifurcações, espalham-se pela copa e pastam as mais tenras folhas. Terminada a refeição, regressam ao ninho, orientando-se pelo fio condutor que antes tinham deixado.
 A sua voracidade é tal que podem desfolhar rapidamente grandes árvores. O desequilíbrio que tal acção produz enfraquece bastante as árvores e permite o ataque dos carunchos e demais parasitas secundários.
 Como é fácil constatar por toda a gente, o mal já verificado é extremamente grande. Mas muito maior ele será se não acudir, com toda a urgência que o caso obriga, com os elementos de desinfecção e de destruição das lagartas e de seus ninhos.
 Sabemos que há diversos processos de ataque a esta malfeizora praga. Mas também sabemos que o elemento fundamental para um ataque sério e eficaz para a destruição das lagartas e desinfecção de toda a mata deve surgir da boa compreensão, da parte das entidades responsáveis, do problema, sua urgência e perigos irreparáveis que toda e qualquer demora neste assunto representa.
 A mata nacional de Vila Real de Santo António, incomparável e indispensável elemento turístico-paisagístico e protector desta região marítima, está a «morrer». Ainda se está a tempo de aplicar o remédio para poder ser salva. Para tanto, chamamos a atenção dos serviços oficiais competentes, crentes que cumprimos o nosso dever de algarvios e de vila-realenses, a favor desta bela, aprazível e afamada região que ao turismo está a prestar ótimos serviços.
 Valentim da Cruz

O Algarve, Megalómano

(Conclusão da 1.ª página)
 requintada) e com as suas excepcionais condições climáticas (únicas em todo o País), o Algarve devia ter principiado por criar hotéis de classe turística, modernos, cómodos, mas sem excessivo conforto. As suas instalações, pouco mais que modestas, seriam, porém, higiénicas e eficientes.
 Depois de apetrechado com estes estabelecimentos nos pontos de maior interesse turístico, de forma a rápida e praticamente proporcionar um bom número de alojamentos aos seus visitantes — porque seria muito mais fácil a sua construção — então, sim, o Algarve poderia pensar na instalação de um ou outro hotel de luxo, neste ou naquele local, conforme as necessidades do seu turismo.
 A criação dos novos hotéis algarvios obedece a algum plano de conjunto seriamente estudado e baseado na análise das características e das tendências do turismo actual, especialmente às dos estrangeiros que visitam a Península.
 Se a resposta for afirmativa podemos observar que o plano não foi devidamente estudado e, portanto, encontra-se errado.

Inclinamo-nos, porém, a crer que nenhum plano existe, pois tudo ainda se apresenta desordenado na chamada «operação Algarve-turismo», mau grado a boa intenção de quem a iniciou.
 Este projecto do hotel, de requintada instalação, na Praia da Rocha, que se vai chamar «Algarve-Hilton», porque pertencerá à cadeia dos famosos «Hiltons», tais como os de Istambul, Berlin, Atenas e Madrid, é contrário ao bom senso. Parece-nos que os seus responsáveis, se quiserem devidamente apreciar os prós e os contras da sua futura realização, devem concluir que o estabelecimento preciso naquela praia não é um «Hilton», mas apenas um hotel, moderno, onde o turista se instale com relativa comodidade, que satisfaça as suas naturais exigências de cama, mesa, higiene, e nada mais. O hóspede dorme e come no hotel, mas vive lá fora, ao ar livre, no cenário maravilhoso da Rocha, a banhar-se na sua água tranquila ou a tomar-se à luz do sol algarvio, sem necessidade de televisão no quarto, de espessas alfarras, de complicadas salas de banho com muitas torneiras cromadas, nem luxo de qualquer espécie.



Em vez disso, quadras comuns com boa visão da paisagem marinha, onde os hóspedes possam permanecer e «matar o tempo» nos dias em que as condições atmosféricas não permitam a vida ao ar livre.

CONFERÊNCIA no Clube Recreativo Lusitano de Vila Real de St.º António

PERANTE uma razoável assistência, que se mostrou vivamente interessada de principio ao fim da sessão cultural que o Clube Recreativo Lusitano levou a efeito na noite de 15 do corrente, o sr. dr. Elviro Rocha Gomes, professor do Liceu Nacional de Faro proferiu uma conferência acerca de «Definição e destruição de conto, lenda, novela e romance» e «A justiça nos contos tradicionais alemães».
 Numa linguagem simples, mas elegante, o ilustre orador dissertou durante hora e meia sobre os assuntos que serviram de tema ao seu interessantíssimo trabalho, demonstrando uma vasta cultura e amplo conhecimento literários, o que prova ser o sr. dr. Rocha Gomes, além de poeta e escritor, um estudioso, um investigador de elevados méritos.
 No final do seu apreciado trabalho, a assistência premiou o conferente com uma salva de palmas, que se prolongou durante minutos, como testemunho do quanto de satisfação ficara nos que tiveram o prazer de escutar a lição do ilustre professor.

A PONTE SOBRE O TEJO

AS autoridades administrativas e outras entidades representativas dos Distritos do Sul do Tejo foram a Lisboa manifestar ao sr. Ministro das Obras Públicas o seu reconhecimento e gratidão pelo grande melhoramento que vai ser a construção da ponte sobre o Tejo.
 Como não podia deixar de ser, o Algarve esteve presente nessa justa manifestação em que se assinalou o alto e excepcional melhoramento que muito beneficiará as comunicações com o Sul do País, facilitando as relações entre os povos e estimulando o movimento dos turistas.
 Quando essa grandiosa obra estiver concluída ficarão mais próximas dos grandes centros e mais expostas à curiosidade dos visitantes as vilas e cidades do nosso Algarve, o que é um motivo para estimular as Comissões de Turismo da nossa região a trabalharem mais e melhor — para que a província algarvia, até agora esquecida da grande riqueza turística que possui em si, a venha redescobrir e valorizar devidamente.

em vez disso, quadras comuns com boa visão da paisagem marinha, onde os hóspedes possam permanecer e «matar o tempo» nos dias em que as condições atmosféricas não permitam a vida ao ar livre.
 Pela razão dos factos, convençam-se, algarvios, de que os grandes hotéis e os hotéis de luxo se encontram na fase da decadência, à excepção dos existentes nas grandes metrópoles.
 Dêem-se ao trabalho de verificar o que sucedeu com os «pálaces» da Côte d'Azur, e a maneira de veras inteligente como a Espanha resolveu o seu problema de apetrechamento hoteleiro com fins turísticos, o que, aliás, já aqui relatámos.
 Se de facto investigarem o que se passa com esses assuntos, podem avaliar, então, o erro que irão cometer.
 A Praia da Rocha, como de resto as restantes praias algarvias e as de outras regiões do País não é útil o hotel muito grande, para início do seu equipamento hoteleiro, mas, sim, em seu lugar, dois ou três estabelecimentos mais pequenos, mais modernos, embora reunindo o número de alojamentos de um único hotel de grande classe.
 Além disso, na exploração de um grandioso e «requintado» edifício hoteleiro de turismo devem ser consideradas as consequências de factores imprevisíveis, das quais se defende muito melhor o estabelecimento económico. Para o hotel de luxo as consequências desses factores, tais como greves de transportes internacionais, perturbações políticas, épocas de más condições atmosféricas, etc., são absolutamente ruinosas.
 Pense-se também na dificuldade de apetrechar um hotel tipo «Hilton» com o pessoal imprescindível à sua categoria. Desconhe-se o que se passa com o recrutamento desses profissionais?
 Nos próprios hotéis da cidade de Lisboa, onde a permanente frequência de hóspedes assegura ao seu pessoal uma substancial remuneração de serviços, a mesmo, repetimos, o seu recrutamento é deveras difícil.
 Num dos novos hotéis algarvios, cujos proprietários pessoalmente nos disseram que o «cabo das tormentas» na exploração da sua casa é representado pela inaptidão do pessoal, tivemos oportunidade de nos confirmarmos da razão que lhes assiste.
 Nesse estabelecimento, onde até hoje não se conseguiu um único chefe de cozinha conhecedor da tradicional culinária algarvia, a única de grande interesse turístico, conforme oficialmente já é reconhecida, o serviço de mesa é desempenhado por um pessoal incipiente, muito longe de se encontrar ao nível das suas instalações.
 Situem-se estes factos no futuro hotel da Praia da Rocha e avaliem-se os seus desastrosos resultados. O «Algarve-Hilton», com o desacerto das suas futuras brigadas de pessoal em relação ao seu ambiente luxuoso, não passará, afinal, de um grande senhor de cartola e socos.
 Mais grave do que tudo isto, porém, é construir um hotel na suposição de que os turistas actuais são ainda os argentários de há muitas dezenas de anos.
 Isso é uma ideia cristalizada, obsoleta, pois não é preciso abrir demasiadamente os olhos para ver que o turista do presente, aquele que desde há anos nos visita, depois de ter percorrido a Espanha e deixado por lá o melhor da sua bolsa, é pessoa desleixada de ver muito por pouco dinheiro.
 Quanto aos grupos de turistas que nos chegam por via aérea, a através de contratos de férias pré-estabelecidos, não são esses os possíveis frequentadores do «Hilton» algarvio. Serão os americanos! Também não pois a vida que fazem na costa mediterrânica não é de milionários, mas sim de panteístas que, para alojamento, não procuram os hotéis de luxo.
 Não se pense, ainda, que o turista do Norte de África virá fazer ao Algarve férias em nível mais elevado do que as que tem feito, até hoje, na Côte d'Azur, na Riviera italiana ou no litoral espanhol.
 Quanto ao turista nacional, a febre da «estrangirite» nem permite pensar nele, ou supõe-se erradamente que, em regra, é frequentador de hotéis de luxo?
 Cada vez mais a tendência do turismo europeu é para a simplicidade, o ar livre e a economia.
 Erguer, portanto, um «Hilton» no Algarve é um sonho utópico do qual, infelizmente, se há-de despertar para uma triste realidade.
 Daniel Constant

sor tem as distrações que merece, se não pergunta, se não suscita atitudes interventoras, se não aceita objecções, se não mete conversa, se não desperta o espírito crítico, se não abre curiosidades. Antes se vá devagar — mas com a viva colaboração dos alunos — do que depressa, mas mantendo-os à margem.
 Aluno que se limita a receber ciência feita fica mais pobre do que aquele outro que ajudou a fazê-la. O primeiro, por via expositiva, pode receber mais. O segundo, por via interventiva, poderá receber menos. Mas vale menos o mais de além, do que o menos daqui. Os conhecimentos só ganham vida para o educando, quando este profundamente os apetece, quando os repensa, os reinventa, os redescobre, os recria, por um esforço bem centrífugo e pessoal. Não basta receber conhecimentos feitos, é necessário fazê-los espírito do próprio espírito. Aglutinar não basta. É preciso assimilar.
 Não se diga que esse processo de aprendizagem rouba muito tempo. Mas o que se perder em tempo não será compensado pela confiança que o aluno ganha em si próprio? Do que se precisa é da pepita de ouro — ainda que pequena — e não da montanha de latão. Não importa andar falsamente depressa, mas devagar e em profundidade, como quem diz: sempre com a colaboração viva, flagrante, construtiva do aluno. Aulas magistrais, que convivem à passividade do educando, constituem tempo perdido para quem as faz e para quem as recebe.
 Só se vai para um problema — ad-tendere — quando a atenção é solicitada por esse problema. O aluno só está dentro do problema — inter-est — quando o interesse por ele suscitado para lá o move.
 Pedir atenção — muita atenção — para o que ele diz, é a atitude habitual do professor. Mas, se o educando não estiver com o apetite intelectual bem desperto — como prestará atenção? A atenção há-de ser prestada pelo aluno — sem que o intitem. Há-de resultar da sua colaboração activa, e não de uma decisão imperativa, vinda do mestre. Há-de ser centrífuga — e não centripeta.
 O professor — sem intimações de qualquer espécie, e apenas porque o soube meter «à bulha» — fará que o aluno nem sequer pense em distrair-se. O educando será arrepanhado pelo tema versado — e ... conversado — e nem sentirá o peso do tempo, a grande tortura dos alunos não-colaboracionistas.
 O interesse não se impõe: cria-se. E, uma vez criado, — tudo vai por si. Onde interesses não há — vindos bem de dentro, na clave da espontaneidade — tudo é fingir que se anda, quando, de facto, se está parado, se é que não se retrograda. O interesse é o grande identificador do sujeito com o objecto, com o fenómeno, com a ideia, com a dificuldade. Sem o interesse, temos um abismo a separar a inteligência daquilo que deve ser apreendido, ou realizado. O interesse transforma em actividade inteligente aquilo que, sem ele, é puro automatismo ou irreflexão.
 Com interesse, o esforço é capaz de transformar cascalho vulgar em ouro do mais fino quilate. Sem interesse, o esforço nada cria, ou apenas ensaca um saber que não chega realmente a ser assimilado. E, sem assimilação, o alimento do espírito, à maneira do alimento do corpo, não conta para efeitos de autêntica vitalidade. Sem assimilação, atafujam-se cabeças, quando, afinal, o necessário é modelá-las, no sentido da agilidade.
 E' preciso atirar o aluno para a água, de maneira a aprender, em flagrante, a nadar, em vez de se lhe fazer um discurso sobre natação. É nadando que se aprende a nadar. Mais do que educação vinda de fora, precisa o aluno de se auto-educar, dependendo o professor fazer tudo de maneira a tornar-se dispensável o mais possível. Espelutar espíritos, infundir auto-confiança, eis o excelso programa que norteia a escola.
 O diálogo sobre este ou aquele tema nunca professor nenhum poderá prever rigorosamente que rumo ele levará. Convém, porém, que o professor o premedite em casa, para que tenha princípio, meio e fim, de modo a subir de análise em análise, até alcançar a síntese que seja natural corolário das análises feitas. Diálogo, sem análise, é diálogo falso. Mas, sem síntese, seria incompleto. E ao professor cabe, como orientador, fazer que o diálogo seja um tema que marcha da análise à síntese.
 Cruz Malpique

Pensava que o meu vestido estava branco... ...mas o dela tem a brancura OMO!

A verdade é que nenhum produto consegue lavar tão bem. Omo é extraordinário! A sua espuma eficiente e abundante lava maravilhosamente. É que não fica sombra de sujidade na roupa. Tudo é cuidadosamente retirado pela acção suave de Omo. Por isso a roupa fica tão bem lavada, mais branca — com a brancura Omo!
 Omo é económico por muitas razões: porque poupa tempo, dinheiro e, sobretudo, porque poupa a roupa! Omo actua sozinho soltando dos tecidos toda a sujidade; assim, a roupa não é maltratada e por isso dura mais tempo.

OMO lava mais branco!

60-OM-26 INDÚSTRIAS LEVER PORTUGUESA, LDA-SACAVÉM